

A APRECIÇÃO ESTÉTICA DA BELEZA NO DECORRER DOS SÉCULOS

PINTO, Paula Pereira
IAD/Universidade Federal de Pelotas

SILVA, Úrsula Rosa da
IAD/Universidade Federal de Pelotas

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a questão da apreciação estética da Arte Contemporânea mostrando as influências de padrões de beleza de épocas anteriores. O tema teve origem a partir do grupo de estudos NEAP (Núcleo de Estudos em Arte e Patrimônio) e deu foco para a beleza como objeto central, no período que compreende desde a Antiguidade Clássica até os dias atuais. É interessante destacar que este tema é importante para a História da Arte porque mostra a evolução dos padrões de beleza de épocas diversificadas, até chegar a um belo diferenciado que se encontra na Arte Contemporânea. O trabalho tem como base os teóricos ECO, FAUX e JANSON, dos quais utilizei principalmente o livro História da Beleza – Organização de Umberto Eco.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O estudo qualitativo toma como procedimento metodológico inicial o levantamento de textos e análise de conceitos dos autores utilizados. Além do referencial teórico usado, também são verificadas as concordâncias ou não dos conceitos da época com as imagens produzidas. Assim, além dos textos, tomei como fonte de pesquisa imagens da História da Arte do período da Antiguidade Clássica até a Pop Art.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A beleza em nenhuma época teve um padrão absoluto, portanto não há como definir um cânone de beleza que foi perseguido ao longo dos séculos, esse belo não se refere somente ao aspecto físico, mas também à beleza das idéias contidas nas obras de arte. Deve-se ter claro em mente que vários modelos diferentes de beleza coexistem em um mesmo espaço de tempo, ou ainda ocorre que o padrão de uma época influencia em outro momento histórico.

Na Grécia antiga a beleza possuía certo padrão associado a valores como apropriada medida e simetria das partes. Aquilo que é belo deleita os sentidos, principalmente a visão, todavia não é somente o que pode ser percebido com o olhar que exprime a beleza: no caso do corpo humano, as qualidades da alma e do caráter devem ser transmitidas pela obra de forma que o espectador sinta essas características do modelo que foi retratado.

A escultura grega busca uma beleza ideal que exprima a harmonia entre alma e corpo, evidenciando a beleza da forma e a bondade da alma, como exemplos da expressão mais alta desse ideal estão as esculturas de Praxíteles, *Vênus de Cnido* e *Hermes com Dionísio criança*. O belo tem sua melhor manifestação em formas estáticas, nas quais um fragmento de ação encontra

equilíbrio e repouso, utilizando-se de simplicidade expressiva ao invés de detalhes mais particulares.

Durante a Idade Média os filósofos, teólogos e místicos não se ocuparam muito em fazer tratados referentes à beleza feminina, visto que eram homens religiosos e corriam o risco de o moralismo medieval desconfiar dos prazeres da carne, assim facilmente vêem-se obras que celebram a tranqüilidade, mostrando mulheres que se revelam apenas pudicamente. Contudo, fora de ambientes doutrinários, há momentos de franca sensualidade retratados em cenas de cavaleiros e pastorinhas; pintavam ainda situações que demonstravam um amor impossível, onde o homem alimenta desejos perante uma mulher à qual é vista como inatingível.

Entre os séculos XV e XVI a beleza passa a ser entendida como imitação da natureza segundo regras estabelecidas cientificamente, com Marsilio Ficino, que promove em Florença o movimento neoplatônico, a beleza adquire um valor simbólico contrapondo-se à idéia de proporção e harmonia. O belo mais autêntico é aquele sentido através da sabedoria passada por algum indivíduo que se faz amar não por aparência estética, mas por qualidades interiores, sendo essa a beleza sensível. As diversas Vênus que são pintadas durante esse espaço de tempo retratam vários tipos de beleza, como *O Nascimento da Vênus*, de Botticelli mostrando uma beleza divina, indo até *Amor Sacro e Amor Profano*, de Ticiano Vecellio, onde há a Vênus Celeste e a Vênus Vulgar. Passados alguns anos, as pinturas de mulheres ganham um ar de mistério em seus rostos, atingindo um caráter enigmático proposital, como na *Vênus no Espelho*, de Velázquez. A imagem feminina sensual vai aos poucos dando lugar aos retratos de mulheres donas-de-casa, devido às influências históricas da Reforma e das mudanças de costumes que foram ocorrendo nos séculos XVI e XVII, passa-se a pintar as mulheres sem traços passionais, com lábios estreitos e rostos de hábeis donas-de-casa como no *Retrato de Jane Seymour*, de Holbein, muitas vezes a obra já retratava diretamente uma cena do cotidiano de administração do lar, por exemplo, *A Leiteira*, de Vermeer.

No Renascimento o homem coloca-se no centro do mundo e por esse motivo deseja ser retratado em toda sua potência, evidenciando a corporatura potente, a força de espírito ou a expressão marcante do rosto, no *Retrato de Frederico de Montefeltro*, de Piero della Francesca, percebe-se claramente na fisionomia que aquele era um homem decidido e firme.

Com o passar dos anos o Maneirismo vai tomando espaço, surgindo belezas inquietantes e surpreendentes, ele vem para dissolver as regras da beleza clássica por ela ser vista como desprovida de alma, as obras ficam a mercê dos critérios do artista, devido ao fato de não mais seguirem leis determinadas de medida, ordem e harmonia. Giuseppe Arcimboldi foi um artista maneirista que se utilizou da surpresa em suas obras para causar espanto no público, ele empregava frutos, vegetais e objetos na composição de rostos de pessoas fugindo totalmente da classicidade, como em sua obra *O Verão*. Assim a representação da beleza cai por terra por não haver mais padrão estético algum, utiliza-se a imaginação na criação de novas regras de acordo com os gostos de cada artista buscando-se cada vez mais uma beleza complexa.

A arte Barroca vai sendo tecida a partir da liberdade de criação artística, representa-se o belo através do feio, a vida através da morte, as obras enchem-se de dramaticidade e tensão, cada dobra de roupa ou expressão num rosto

pintado ou esculpido no mármore expressa um profundo sentimento, a beleza se mostra em diversas faces, pode ser dramática, sofredora ou ainda uma beleza melancólica, onírica. As mulheres ganham mais liberdade, mas ao mesmo tempo não são retratadas em poses tão sensuais, livram-se de diversos costumes como o uso do sufocante corpete e assim são pintadas com vestes mais leves e cabelos soltos.

O movimento artístico e literário Neoclassicismo, que ocorreu entre o século XVIII e início do século XIX, foi um retorno à beleza clássica, voltando aos antigos cânones estéticos da Grécia e de Roma.

A arte Romântica junta beleza e melancolia, paixão e sentimento, utiliza a verdade para expressar o sentimento dos personagens muitas vezes mostrando uma cena onde o caos impera. O homem romântico vive como em um romance, deixando-se levar pelos sentimentos e por vezes sendo arrasado pelos mesmos, assim esse período é caracterizado pela potência dos sentimentos e realismo na paixão expresso nas obras de arte. Diziam que até mesmo uma cena que representasse a morte poderia ser bela, como a *Balsa da Medusa*, de Géricault, mostrando uma “bela morte”.

No século XIX aparece uma nova beleza que tenta se expressar cada vez mais através da ciência, do comércio e da indústria, até mesmo o menor dos objetos de qualquer que seja o material ganha o privilégio de poder tornar-se objeto de arte, a arte abre o olhar para novas possibilidades de criação.

O estilo *Art Nouveau* difunde-se principalmente no campo da decoração, dos objetos e do design. Em breve tempo, as linhas encontram lugar junto ao corpo humano – especialmente o feminino, por também possuir características sinuosas – assim apoderam-se do vestuário apresentando roupas leves e ondulantes além da representação figurativa de mulheres, que estarão acompanhadas e envoltas em linhas curvas às quais evidenciam o físico feminino.

A partir de 1910 surge a *Art Déco* tratando-se de uma arte que tem preocupação com a funcionalidade; os elementos *Art Nouveau* são estilizados e simplificados. A beleza *Déco* encontra-se na feliz união entre arte e indústria, os objetos criados são extremamente bem aceitos o que explica o sucesso dessas peças nos anos 20 e 30.

No século XX cada vez cobra-se mais que os objetos sejam úteis, práticos, econômicos e que agradem ao maior público possível para que possa ocorrer uma produção em série, assim o conceito beleza é substituído por outros critérios de legitimação da obra. A arte começa a expressar-se mais voltada à funcionalidade e à possível reprodutividade do objeto, a função é que determina a apreciação. Marcel Duchamp é um dos responsáveis por esta ruptura com a beleza tomada dos referenciais clássicos por meio de seus *ready mades*, dentro do movimento Dadaísta de antiarte, ele tira objetos comuns do dia-a-dia, como um urinol, e os recontextualiza como objetos de arte, problematizando a questão da beleza de um objeto ser medida a partir do valor de mercado.

Na *Pop Art*, conseqüência desse pensamento da época, os objetos podem ganhar ou perder sua beleza conforme são apresentados à sociedade, os rostos de *Marilyn Monroe* produzidos por Andy Warhol, assim como vinhetas de quadrinhos de Roy Lichtenstein adquirem a beleza da serialidade até que seja extrapolada a série.

A arte vai se libertando cada vez mais até chegar à Arte Conceitual onde a definição do que é ou não arte é desafiada porque somente através da

imaginação é que se pode entender a obra, assim os produtos da arte são secundários, o principal é o processo criativo, aquela experiência que o objeto nos passa através dos sentidos.

Logo, o critério de apreciação estética da Arte Contemporânea está na capacidade que os mais diversos materiais têm de passar sensações ao espectador, a fluidez de uma tinta escorrendo, uma laceração que parece casual em um tecido ou até mesmo a ferrugem de alguma peça causada pelo desgaste do tempo. O artista contemporâneo trata com diversos materiais para que possamos perceber novos significados nos objetos de nosso cotidiano, assim a arte também leva a uma apuração do olhar para as coisas simples, como respingos de água na terra, tecidos carcomidos largados ao acaso, encontrando nestes lugares estranhas belezas.

4 CONCLUSÕES

O trabalho encontra-se em fase inicial de estudos e levantamento de dados. Até o momento foram lidos os textos de base do estudo: ECO, Umberto, *História da Beleza*; FAUX, Dorothy Schefer, *Beleza do Século*; SENNA, Nádia da Cruz, *Donas da Beleza: A imagem feminina na cultura ocidental pelas artistas plásticas do século XX*. Além disso, foram analisadas e feitas leituras de imagens das obras: *Vênus de Cnido e Hermes com Dionísio Criança*, de Praxíteles; *O Nascimento da Vênus*, de Botticelli; *Amor Sacro e Amor Profano*, de Ticiano Vecellio; *Vênus no Espelho*, de Velázquez; *Retrato de Jane Seymour*, de Holbein; *A Leiteira*, de Vermeer; *Retrato de Frederico de Montefeltro*, de Piero della Francesca; *O Verão*, de Giuseppe Arcimboldi; *Balsa da Medusa*, de Géricault; *A Fonte*, de Marcel Duchamp; *Marylin Monroe*, de Andy Warhol; *Menina Chorando*, de Roy Lichtenstein.

5 REFERÊNCIAS

ECO, Umberto. **História da Beleza**. Traduzido por Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

JANSON, H. W., JANSON, Anthony F. **Iniciação à História da Arte**. Traduzido por Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

FAUX, Dorothy Schefer. **Beleza do Século**. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

SENN, Nádia da Cruz. **Donas da beleza: A imagem feminina na cultura ocidental pelas artistas plásticas do século XX**. 2007. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.